

A INCLUSÃO SÓ SE FAZ BEM COM O CORAÇÃO

Profª. Vera Lúcia Lopes Dias¹

“Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.”

O Pequeno Príncipe
Antoine de Saint-Exupéry

O momento atual se caracteriza pela proliferação de expressões como valorização da diversidade, sociedade inclusiva e inclusão escolar.

As políticas públicas, respaldadas na nova LDB, estabeleceram que fossem asseguradas a “igualdade de oportunidade para todos”, que a educação especial devia ser entendida, para os efeitos da Lei, como “modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos que apresentam necessidades especiais”.

Recentemente a Profª. Rosana Glat, coordenadora de pesquisas em educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), numa entrevista ao site Aprendiz, referindo-se à Declaração de Salamanca, afirmou: “Esse documento apontou para uma meta a ser alcançada: hoje não se discute mais se o aluno deve ou não ser incluído em sala regular, mas como será esse processo”.

Estaremos nós professores brasileiros realmente preparados? Qual a situação real da inclusão nas escolas regulares do Rio de Janeiro? Tentando responder a essa pergunta visitei escolas da rede pública e da rede privada e tirei algumas conclusões importantes que vou relatar nesse artigo.

Creio que para que se possa realizar a educação para a diferença é necessário aprimorar a nossa atitude em relação aos alunos especiais. E de que maneira? Antes de mais nada aceitando a diferença, estabelecendo novas formas de relação, de afetividade, de escuta e de compreensão, deixando de lado os nossos preconceitos.

¹ Engenheira Química formada pela UERJ.

Professora Samba de 1º e 2º graus formada no INES-Curso de especialização na Área de Surdez. Profª. de Informática da Universidade Estácio de Sá nos cursos de Redes e Análise de Sistemas.

Para exemplificar melhor o que estou querendo dizer, vou transcrever aqui um trecho da história do Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry, onde o príncipezinho mantém um diálogo com o personagem da raposa, que nos transmite uma profunda reflexão:

- "- Quem és tu? perguntou o príncipezinho. Tu és bem bonita...
- Sou uma raposa, disse a raposa.
- Vem brincar comigo, propôs o príncipezinho. Estou tão triste...
- Eu não posso brincar contigo, disse a raposa. não me cativaram ainda.
- Ah! desculpa, disse o príncipezinho.
Após uma reflexão, acrescentou:
- Que quer dizer "cativar"? (...)
- É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. Significa "criar laços..."
- Criar laços?
- Exatamente, disse a raposa. Tu não és para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti.
E tu não tens também necessidade de mim.
Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas.
Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro.
Serás para mim único no mundo.
E eu serei para ti única no mundo..."*

O que tenho observado na maioria das escolas do município do estado do Rio de Janeiro que visitei foi a constatação de que uma preparação exaustiva de base e uma técnica razoável não bastam para incluirmos esses alunos especiais. Os professores precisam participar das desventuras desses alunos, aceitá-los como são, criar laços de ternura, "cativá-los" para que eles consigam realizar o melhor do seu potencial e sintam vontade de pertencer e estabelecer relações afetivas com as pessoas ao seu redor. Se assim não o fizerem assistirão, no máximo, ao triunfo de teorias pseudocientíficas que humilham esses alunos.

- "Olha! Vês, lá longe, os campos de trigo? Eu não como pão.
O trigo para mim é inútil.
Os campos de trigo não me lembram coisa alguma. E isso é triste!
Mas tu tens cabelos cor de ouro.
Então será maravilhoso quando me tiveres cativado.
O trigo, que é dourado, fará lembrar-me de ti.
E eu amarei o barulho do vento no trigo..."*

Certos alunos parecem nos dizer que não pode haver caminho para sua plena inclusão social, nem mesmo há vontade de tentar, nem desejo de

fazer e nem de aprender se tudo ao redor é inflexível e hostil. Assim se a minha vida, as minhas mãos, os meus olhos aguçados não têm valor, também não tem sentido nem vale a pena que eu me esforce para me curar, para sair das minhas prisões.

As crianças portadoras de necessidades especiais sabem bem ocultar a sua solidão, o seu isolamento e as nossas intervenções representam mais uma ameaça à sua maneira de ser do que uma autêntica proposta libertadora.

Observei, em minhas visitas às escolas regulares, muitos alunos que portadores de necessidades especiais não respondem às propostas dos professores; parecia até que certos percursos e itinerários pedagógicos e didáticos que lhes foram apresentados, acabaram empurrando-os cada vez mais para um deserto intelectual. De fato eles ficam nessas dunas selvagens e se defendem pois...*eles sentem que não são acolhidos.*

Cheguei à conclusão que a grande lição que nós professores precisamos aprender junto com esses alunos "diferentes", é a conviver com a angústia e a dor, a sorrir diante de suas formas estranhas de expressar-se e com isso saber melhor compreender a nós mesmos. Na sua escola de agressividade aprenderemos também a dominar a nossa agressividade e transformá-las em vida.

Assim nós nos educaremos para considerar esses alunos especiais como todas as pessoas normais sem detê-los na infância ou na adolescência, mas antes impelindo-os a alcançar novas etapas. Isso significa fazê-los "sair" e, num certo sentido, vê-las realizadas sem deixar-se tomar pelo medo de fracassos. Talvez o prazo de um ano seja insuficiente para tais transformações, para tais integrações e desenvolvimentos psicológicos, mas com certeza isso constitui uma aventura apaixonante. Portanto nós não devemos ser os guardas da necessidade especial mas sim cooperadores atentos e preparados, por um lado, a realizar menos assistência e, por outro, mais participação.

Temos a convicção de que todos precisam ser educados para a diferença. Todos, a começar dos pais até as instituições, nós nos educamos se despojamos a nossa mente de todos os estereótipos e lugares comuns para aprendermos pequenas lições de vida de quem é mais vulnerável e mais frágil que nós.

Não basta inserir uma criança com necessidades especiais em contextos e lugares normais de vida para poder achar que cumprimos a própria tarefa de educadores. Não é suficiente que um ser "diferente" seja admitido

numa classe para sentirmo-nos solidários com a diferença. Somente uma obra inteligente de sustentação e de integração humana poderá realizar isto .

Por isso é desejável uma educação para a diferença mesmo antes de submeter-se a um método, a uma escola, à última técnica e ao último guru.

Educar-se significa não sentir a sensação de nojo e nem de piedade: significa não fazer juízos vazios, sem prestar qualquer escuta verdadeira ao aluno que sofre com o preconceito de sua condição de especial.

Educar-se significa não se considerar mais afortunado pois ninguém é mais ou menos afortunado ou desafortunado; de fato a cada pessoa é concedido viver conforme aquilo que lhe foi dado e dentro de uma "própria luz", com pleno respeito e compreensão pela própria vivência e pela história dos outros.

Não há mérito nem desmérito se determinadas situações tornam a vida amarga. Não temos nenhum direito de sentirmo-nos melhores de quem é diferente, de quem não achou o trem certo.

Cada aluno especial é um "terreno" e os professores devem ter a força de fazer brotar as sementes mais débeis; não devem sufocá-las quando têm desejo de amadurecer, contanto que disponham de alguma potencialidade mesmo que mínima.

Toda semente pede o terreno e o tempo favoráveis para brotar na estação apropriada; cada semente tem dentro de si o desejo de vida. Mesmo assim a educação custa a realizar-se porque não faltam ideologias reducionistas que anulam o ser humano.

Ainda hoje há clínicas, centros e instituições que são mais lugares de repressão e de exclusão do que ambientes de reinserção dos "diferentes" na sociedade.

Portanto, tem razão a raposa quando disse para o pequeno príncipe sobre como ele poderia cativá-la: "*Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.*"

BIBLIOGRAFIA

SAINT-EXUPERY, ANTOINE. *O Pequeno Príncipe* . Editora Agir, 8ª edição, 1999 - RJ.